

INDUÇÃO PARA A REFLEXÃO SOBRE A COMPLEXIDADE, A CONDIÇÃO HUMANA E O COMPROMISSO DO PROFESSOR¹

PROMPTING THE REFLECTION ON COMPLEXITY, HUMAN CONDITION AND TEACHER'S COMMITMENT

Augusto Russini², Emerson Hartmann² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

Este texto tem o objetivo de fazer uma pequena descrição, reflexiva, sobre o compromisso do professor no atual contexto, do mundo contemporâneo, e trazer à evidência a importância da complexidade no pensamento humano. A metodologia está embasada na reflexão e na análise descritiva. Para tanto, iniciou-se com as evidências presentes na formação da Terra, da existência da complexidade na natureza e no surgimento da vida no planeta. E, a partir disso, pesquisou-se e evidenciou-se alguns personagens que auxiliam para pensar na incumbência humana para com os elementos da criação e reforçar o compromisso emergente com a biodiversidade, o respeito com as alteridades e com a vida em comum. E, por fim, buscou-se fazer uma analogia que permitiu a reflexão e induziu pensar a complexidade e, também, o compromisso do professor e a arte de ensinar para projetar não apenas um outro mundo possível, mas um outro mundo necessário, movidos pelo ato de criar, seja na ciência, na arte ou na sua existência.

Palavras-chave: Carta da Terra, educador, religação.

ABSTRACT

This text aims to give a brief and reflexive description of the teacher's commitment in the present context of the contemporary world, and to bring to discussion the importance of complexity in the human thought. The methodology is based on reflection and descriptive analysis. For that, the study starts with the evidence present in the formation of the Earth, the existence of complexity in nature and the emergence of life on the planet. After that, some authors have been investigated and evidenced, which help us to think about the human incumbency with the elements of the creation and the reinforcement of the emerging commitment with the biodiversity, the respect with the alterities and with life in common. Finally, an attempt was made to make an analogy that allowed the reflection and induced thinking about the complexity and the commitment of the teacher to project not only another possible world, but another necessary world, ruled by the act of creating, whether in science, arts or in our existence.

Keywords: Earth Charter, education, recruitment.

¹ Trabalho oriundo do Grupo de Pesquisa: Ensino e formação docente. Linha de Pesquisa: Ensino e práticas docentes.

² Alunos do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Centro Universitário Franciscano. E-mail: augustorussini.sm@gmail.com; emersonhartmann@gmail.com

³ Orientadora. Docente do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgue. Há movimento, mas este não é gerado pela força [...] O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano (I CHING, 3.000 a. C.).

Vive-se o crepúsculo de um período ou a alvorada de uma nova história humana. Vivemos, então, “O ponto de mutação”, frase que deu título ao livro de Fritjof Capra (1982), que traz a convincente visão de uma nova realidade, ou seja, a reconciliação da ciência e do espírito humano e o futuro que está por acontecer.

O nome do livro foi extraído de um hexagrama do I Ching. Nele, Capra compara o pensamento cartesiano ao paradigma emergente no século XX. O primeiro é reducionista e modelo para o método científico desenvolvido nos últimos séculos. O segundo, holístico ou sistêmico, vê o todo como indissociável e concebe que o estudo das partes não permite conhecer o funcionamento do organismo e sua complexidade (interligada).

Portanto, ainda se vive sob influência do pensamento cartesiano e, de certa forma, esse modo de pensar ainda condiciona os indivíduos, como acontecia na modernidade a partir da consolidação do projeto de Bacon e Descartes, que concebia a racionalidade como a essência da verdade e rejeitava qualquer intuição. A ciência evoluiu e trouxe um tempo de megapossibilidades e, nesse universo, consolidou-se um tempo de globalização no qual há muitas ideias, a cada instante, chegando de diversas partes do mundo. Nada mais parece novidade, tudo já parece ter sido experimentado, provado, aprovado, reprovado. A espiral da tese, antítese e da síntese evolui em velocidades cada vez mais rápidas. Os paradigmas são muitos, caminham rápidos, vêm e passam, em velocidades supersônicas. É a “fluidez da modernidade líquida” (BAUMAN, 2003).

Ensinar nos padrões tradicionais, nos tempos passados recentes, teve enorme sucesso porque se mostrou compatível e coerente com as demandas de então. A complexidade atual exige ir muito além, introduzindo novidades, a maior parte delas decorrentes de um cenário mediado pela emergência das tecnologias digitais. Mas, há o perigo iminente da automação do pensamento, da repetição, da ausência de reflexão e corre-se o risco de acentuar a cegueira da visão (MORIN, 2001).

Ensinar, de certa forma, envolve técnica e procedimentos; educar, no século XXI, tende a ser progressivamente uma arte, que inclui a técnica, mas a transcende, contemplando também criatividade e, especialmente, parte-se de uma nova forma de ver o mundo, de pensar a complexidade das coisas (MOTA, 2017).

Mais do que nunca, neste cenário, o educando é o centro e o docente isolado migra em direção a interagir, cada vez mais, com equipes colaborativas responsáveis pelo processo de transformação. A interação viabiliza entender melhor o educando, o educador e, conseqüentemente, a vida.

Conhecimentos específicos, domínio de técnicas e conhecimentos são relevantes, porém, não mais suficientes. Aprender a conhecer transcende aqueles ingredientes cartesianos, demandando elementos que somente o pensamento complexo pode inspirar.

A escola transcende seus próprios muros demandando o docente ir além dos espaços limitados das salas de aulas tradicionais. Mudam-se os espaços, os currículos, as técnicas e a formação de professores necessita ir além do estabelecido, inovando, criando, explorando caminhos novos que expressam a realidade da vida e, assim, entender o sistema-mundo em sua complexidade, tentando contribuir com desenvolvimentos econômicos, sociais e ambientais sustentáveis.

Assim, tem-se a intenção de fazer uma descrição, reflexiva, sobre o compromisso do professor no atual contexto, do mundo contemporâneo, e trazer à evidência a importância da complexidade no pensamento humano.

Para tanto, inicia-se com as evidências presentes na formação da Terra, da existência da complexidade na natureza e no surgimento da vida no planeta. E, a partir disso, pesquisou-se e evidenciou-se alguns autores que auxiliam para pensar na incumbência humana para com os elementos da criação e reforçar o compromisso emergente com a biodiversidade, o respeito com as alteridades e com a vida em comum. Para tanto, buscou-se personagens, na história da humanidade desde a Idade Média, com Francisco de Assis, até o Mundo Contemporâneo, com Paul Singer, em razão das realidades construídas a partir de suas vivências e o legado de transformação para um outro mundo possível.

E, por fim, buscou-se, também, fazer uma analogia, questionável talvez, mas que foi um interessante exercício, que permitiu a reflexão e induziu pensar a complexidade. Pensar complexidade é antes de tudo, desconstruir-se de velhas bagagens, de pré-conceitos estabelecidos, da cultura na qual estamos mergulhados, de conceitos estabelecidos. Desconstruir não é negar! Desconstruir-se não é tarefa fácil! Desconstruir-se é buscar a complexidade! Buscar o elo perdido da humanidade e, assim, entender e respeitar as alteridades naturais e culturais que compõe o complexo enigma da vida.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Cosmos tudo está interligado e tudo funciona assim. O único elemento do Cosmos que não entende a complexidade é o homem. Em algum momento a humanidade perdeu a ideia do elo de ligação e de se enxergar como um elemento de uma complexidade. E, para os mais utópicos, é como se a humanidade fosse introduzida no planeta Terra de forma alienígena e que, por isso, não se enxerga como parte da evolução natural da Terra como as rochas, o ar, a água, as plantas e os demais animais. Para outros ainda, a humanidade é a chaga da Terra e de todo o seu sistema interativo. O homem é o único elemento existente no planeta que rompe o sistema interativo. Cabe, então, uma reflexão sobre a Criação e a Evolução e sobre a vida e o pensamento de alguns personagens de diferentes épocas

que, de alguma forma, evidenciaram a complexidade e o entendimento de que tudo funciona como um sistema interativo.

A CRIAÇÃO - A OBRA DE SEIS DIAS

No princípio Deus criou o céu e a Terra. A narrativa da criação descrita em Gênesis não é um tratado científico, mas um poema que descreve o universo como criatura de Deus. Foi escrito pelos sacerdotes no tempo do exílio da Babilônia (586-538 a.C.) e procura contar “as origens do céu e da Terra” como uma verdadeira “cosmogonia” e salientar alguns pontos importantes como fazer notar que toda a criação é marcada pelo selo de Deus. As trevas e a luz ensaiam um sincronizado espetáculo de crepúsculo e alvorada, o dia e a noite. O surgimento da água desencadeia o ciclo hidrológico e a possibilidade de outras vidas. As rochas endurecem e gradativamente formam a Terra. E, então, os versículos narram a história do Éden, um paraíso na Terra, para onde confluem os maiores rios e onde as árvores e os frutos são abundantes. Havia terra, água, ar, vegetação e, então, vieram os animais e toda a diversidade da criação.

O Criador em sua imensa bondade fez o homem e o colocou no jardim para cuidar de toda a criação: todos os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis. Cada ser vivo levaria o nome que o homem lhe desse. O homem então deu nome a todos os animais. E, então, Deus viu que tudo o que havia feito era bom (BÍBLIA, 1993).

A EVOLUÇÃO - AS ERAS DA TERRA E O SURGIMENTO DAS FORMAS DE VIDA

As Eras da Terra evidenciam que a vida se manifestou há 3,5 milhões ou 4 milhões de anos, na forma de células simples e evoluiu até a Era Cenozoica que iniciou há 70 milhões de anos até os dias atuais. Carl Sagan⁴ faz uma rápida síntese das características desta Era: emergiram os mamíferos e, depois, os primeiros pássaros; apareceram as primeiras flores (plantas fanerógamas); nasceram os primeiros cetáceos, antepassados dos delfins e das baleias e, também, nasceram os primeiros primatas, antepassados dos símios e dos humanos. Há menos de 10 milhões de anos, os primeiros seres que se parecem fielmente aos seres humanos evoluíram e tiveram um aumento espetacular do tamanho do cérebro. E depois, há apenas uns poucos milhões de anos, emergiram os primeiros humanos autênticos e isso, com o passar dos anos e, especialmente, a partir dos últimos séculos determinou uma conflituosa convivência com os demais elementos que compõe a Terra. Nos últimos séculos, também, têm-se evidências de personagens que engendraram um pensamento de religação da humanidade com o Cosmos, com a ‘Casa Comum’ (BOFF, 2004).

⁴SAGAN, Carl. *Cosmos*. México: Planeta, 1985. p. 32.

ALGUNS PENSADORES E AS SUAS VISÕES SOBRE A HUMANIDADE E A COMPLEXIDADE

Alguns pensadores e suas visões sobre a humanidade e a complexidade (ou a falta de) que se destacaram na tarefa de trazer à reflexão importantes elementos do mundo natural, social e cultural. Inicia-se com Francisco de Assis, Cacique Seattle, Albert Schweitzer, Rachel Carson, Claude Lévi-Strauss, Jean Dorst, Peter Singer e termina-se com o educador, o professor do mundo contemporâneo.

Francisco de Assis (1182 - 1226) - Paz e Bem!

Francisco fez em si a mudança que queria para o mundo (para a sociedade da época). Viveu na Baixa Idade Média e, portanto, vivenciou o contexto de uma sociedade hierarquizada em classes sociais e centralizada pelo severo domínio filosófico da Igreja Cristã, inspirada no paradigma aristotélico-tomista (DUBY, 2002). Francisco, no entanto, empreendeu uma consciência de natureza que decorre da observação, da contemplação e da intuição e, durante sua vida, desenvolveu aproximações entre a razão e a intuição, sem, no entanto, sobrepor uma a outra, como aconteceria na modernidade a partir da consolidação do projeto de Bacon e Descartes que concebia a racionalidade como a essência da verdade e rejeitava qualquer intuição.

Francisco nos trouxe uma nova espiritualidade: a da integração! O seu modo de relacionar-se com o mundo não era um modo personalista, seus sonhos não giravam em torno de seus desejos, deixou de ser o centro, passou a ser apenas uma criatura entre todas as criaturas do Universo (BECKER, 2016).

Por isso, começou a chamar a todos de irmãos: irmão passarinho, irmão lobo, irmã morte, meu irmão cachorro, minha irmã árvore, irmão vento, meu irmão Sol, minha irmã Lua (BECKER, 2015).

Francisco, pela sua radicalidade em amar e servir a Deus e aos irmãos é aquele que chegou mais perto do entendimento da complexidade. Via a tudo e a todos como parte de um mesmo Cosmos. Empreendeu uma vida dedicada à todas as criaturas e teve muitos seguidores que vivenciaram a sua proposta. Mas, nem todos entendiam a radicalidade de Francisco, mas a admiravam e seguiam de perto os seus ensinamentos de paz e de respeito à todas as formas de vida (DUBY, 2002).

Ainda hoje a sua proposta de vida é lembrada e admirada. No século XX, em 1971, na Itália, Franco Zeffirelli, começou a rodar um filme sobre a vida de São Francisco.

Três anos antes, sofrera um grave acidente que quase lhe tirou a vida. Numa das noites de insônia e dor, sonhou com Francisco e entendeu que era oportuno usar o seu talento de cineasta para comunicar ao mundo o amor para com todas as criaturas.

No ano seguinte, 1972, Franco Zeffirelli, ainda se recuperando das graves consequências do acidente, começou a trabalhar no filme. No mesmo ano concluiu as filmagens e logo depois ele foi lançado em pequenas apresentações pelos cinemas da Itália. Chegou ao Brasil no ano de 1976.

A figura poética do jovem de Assis cativou o coração dos jovens da década de 1970. O filme causou um fenômeno nunca antes visto: muitos jovens foram bater as portas dos conventos e seminários, queriam ser como Francisco.

O filme de Zeffirelli⁵ foi lindo em imagens e poesia, mas deixou de ser real no que realmente foi a vida de Francisco. Não foi um filme de mentira, mas, não foi a verdade toda da vida do jovem Francisco. Sua demasiada poesia escondeu as tristezas, as decepções e as consequências de seguir à risca a vida dedicada ao bem comum.

Francisco era um poeta, um cantor e um homem alegre, mas foi também um exigente cristão com a sua vida cristã. Depois de descobrirem os efeitos de seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, muitos jovens abandonaram conventos e seminários. A vida de Francisco não era só poesia, era também seguimento pleno das verdades de Jesus. Isso surpreendeu alguns jovens que retornaram às suas casas e seguiram a vida normal. Alguns continuaram o caminho de Francisco, tornaram-se amigos dos pobres, amaram as criaturas e entregaram as suas vidas a Jesus, como Francisco fez (FROGONI, 2011).

No mundo contemporâneo, o exemplo de Francisco pode servir de inspiração para buscar-se uma mudança no modo de pensar e de agir e, assim, encaminhar o futuro de uma humanidade solidária.

Cacique Seattle (1786-1866) - A palavra do Grande Chefe

No ano de 1854, o presidente dos Estados Unidos, Francis Pierce, fez a uma tribo indígena⁶ a proposta de comprar grande parte das suas terras, oferecendo, em contrapartida, a concessão de uma outra “reserva”.

Era preciso acomodar os anglo-europeus que lá chegavam. O governo dos Estados Unidos propôs então comprar o território indígena de Puget Sound, atual estado de Washington. Em janeiro de 1854, como interlocutor do presidente Francis Pierce, o governador Isaac Stevens levou a oferta ao líder dos povos Suquamish e Duwamish. O Chefe Seattle, como era conhecido, sabia que devia aceita-la para evitar o risco de mais conflito (MUNDURUKU; NEGRO, 2010).

O discurso do Cacique Seattle, em sua resposta, tornou-se memorável, graças à clareza, contundência e extraordinária força poética e percepção do sagrado na natureza.

O texto da resposta do Chefe Seattle, distribuído pela Organização das Nações Unidas (ONU), tem sido considerado através dos tempos, um dos mais belos e profundos pronunciamentos.

[...] “Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia nos é estranha. Se não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-los? Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo, cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados

⁵ Irmão Sol, Irmã Lua - 1972. Filme de Franco Zeffirelli. Duração: 2h17min. Disponível em: <<https://youtu.be/Xn-vOpuoGTI>>.

⁶ Os índios Suquamish e Duwamish habitavam a região onde hoje se encontra o Estado americano Washington - no extremo Noroeste dos Estados Unidos, divisa com o Canadá, logo acima dos atuais Estados de Montana, Idaho e Oregon.

nas tradições e na consciência do meu povo. A seiva que circula nas árvores carrega consigo as recordações do homem vermelho [...]” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2004)⁷.

[...] “Vocês devem ensinar as suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas de nosso povo. Ensinem as suas crianças o que ensinamos as nossas, que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra [...]” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2004)⁷.

O pronunciamento tem sido por muitos recontado. Apesar de ter sido escrito há mais de 100 anos, é cada vez mais atual para falar de cuidado, e, também, de extensão (e de como olhar o mundo pelos olhos do outro). Tornou-se um relato mítico que ganha um novo desenho poético, ecológico, ou mesmo político, a cada leitura, a cada releitura, especialmente, no mundo atual.

Albert Schweitzer (1875-1965) - A religião do amor

Albert Schweitzer foi músico, filósofo, teólogo, médico e missionário. É considerado um dos precursores da Bioética. Aos 38 anos, Schweitzer surpreendeu a família, os amigos e a comunidade acadêmica da Europa. Doutor em filosofia, teologia, medicina e música, o professor alemão deixou para trás uma então otimista Europa, em 1913, e seguiu para a vila de Lambaréné, na África Equatorial Francesa (hoje o Gabão). Antes, defendeu sua tese de doutorado afirmando que a teologia e a medicina se entrelaçam. A tese foi intitulada: “Estudo psiquiátrico de Jesus, exposição e crítica”.

Na vila de Lambaréné iria construir um hospital para a população e passou a viver e conviver com um imenso trabalho assistencial que desenvolveu e continuados estudos para a saúde e a ecologia. Teólogo e músico dedicava-se, também, em entender a cultura do seu povo na vila de Lambaréné e concluiu “Os nativos têm ânsia de religião, não de uma religião formal, mas da religião do amor”.

Em 1952, trinta e nove anos depois de sua partida da Europa e chega em Lambaréné, Schweitzer receberia o prêmio Nobel da Paz, não apenas pelo imenso trabalho assistencial que desenvolveu, mas também por seus elogiados estudos e concorridas conferências alertando sobre o perigo das armas nucleares.

Com o dinheiro do prêmio, Schweitzer construiu uma colônia para leprosos perto de seu hospital. Após a sua morte, em 1965, na sua amada vila de Lambaréné, seu maior legado seria o exemplo de seu trabalho missionário e a crença de que “um dia a Humanidade vai perceber que a destruição de vidas é incompatível com a Ética” (SCHWEITZER, 1964a, p. 74).

“Uma ética que nos obrigue somente a preocupar-nos com os homens e a sociedade não pode ter esta significação. Somente aquela que é universal e nos obriga a cuidar de todos os seres nos põe de verdade em contato com o Universo e a vontade nele manifestada” (SCHWEITZER, 1964b, p. 2).

⁷Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/seattle1.htm>>.

Rachel Carson (1907-1964) - Primavera Silenciosa

Bióloga e escritora, surpreendeu o mundo, no verão de 1962, quando a revista *New Yorker* publicou três edições seguidas com trechos de “Primavera silenciosa”, quarto livro de Rachel Carson (1907-1964). A obra seria lançada três meses depois, em setembro. Em linhas gerais, o livro “Primavera Silenciosa” explica como o uso desenfreado de pesticidas nos EUA alterava os processos celulares das plantas, reduzindo as populações de pequenos animais e colocando em risco a saúde humana.

Apesar do título poético - uma referência ao silêncio dos pássaros mortos pela contaminação dos agrotóxicos. No primeiro capítulo, “Uma Fábula para o Amanhã”, descreve, liricamente, um lugar onde as árvores não davam folhas, os animais morriam, os rios contaminados não tinham peixes e, principalmente, os pássaros que cantavam na primavera haviam sumido. Denunciou, portanto, o perigo dos pesticidas.

Ao longo de *Primavera Silenciosa*, a bióloga coloca-se como defensora de “valores humanistas apreciados pela maioria das pessoas” como a sobrevivência da raça humana, a conservação e a preservação da natureza, o direito à qualidade de vida/saúde. Foi notável a linha poética que empreendeu em defesa do símbolo nacional do país, a águia americana:

Como o papo-roxo, outra ave norte-americana parece estar na iminência da extinção. Trata-se do símbolo nacional dos Estados Unidos, a águia. [...] Os fatos sugerem que alguma coisa está atuando no meio ambiente próprio dessa águia - e que essa alguma coisa já lhe destruiu, virtualmente, a capacidade de reproduzir-se. O que essa coisa possa ser, não se sabe ainda: mas há alguma evidência de que os inseticidas são responsáveis também neste caso (CARSON, 1969, p. 127).

A denúncia científica foi fundamental para mudar o pensamento e suscitar o clamor público contra o uso do DDT (Dicloro-Difenil-Tricloroetano)⁸, nos Estados Unidos, em 1972. Ainda hoje, continua sendo debatida e é fonte de inspiração renovada para aqueles que procuram uma forma se relacionar com o entorno. No entanto, talvez outro grande legado, talvez, ainda esteja por vir: “Primavera Silenciosa” enquanto produto cultural que auxiliou na mudança do pensamento humano para vivenciar mais profundamente a complexidade e entender que tudo está interligado.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009) - E seu único desejo

Nasceu em Bruxelas em 28 de novembro de 1908 e faleceu em 30 de outubro de 2009. Foi antropólogo e professor. É considerado o fundador da antropologia estruturalista (por volta de 1950) e um dos grandes pensadores do século XX. No Brasil lecionou sociologia na recém-fundada Universidade

⁸ O *DDT* (Dicloro-Difenil-Tricloroetano) é o primeiro pesticida moderno, tendo sido largamente usado durante e após a Segunda Guerra Mundial para o combate aos mosquitos vetores de doenças como malária e dengue. Foi eficiente no combate desses vetores maléfico, mas no entorno toda a fauna e toda a flora também se extinguiu.

de São Paulo (1935-1939) e fez várias expedições ao Brasil Central e o registro dessas viagens foram publicados no livro “Tristes Trópicos” (LÉVI-STRAUSS, 1955) que alcança grande fama e dá origem à Teoria Estruturalista, na Antropologia (estuda os grandes sistemas e os elementos que os compõem).

Lévi-Strauss jamais aceitou a visão histórica da civilização ocidental como privilegiada e única. Sempre enfatizou que a mente selvagem é igual à civilizada. O antropólogo não vê o ser humano como um habitante privilegiado do universo, mas como uma espécie passageira que deixará apenas alguns traços de sua existência quando estiver extinta.

Por que trazemos Lévi-Strauss para o contexto desta reflexão?

Aos 97 anos de idade Levi-Stauss disse uma coisa enigmática. Em 2005, recebeu o 17º Prêmio Internacional Catalunha⁹, na Espanha. Declarou na ocasião: “Fico emocionado, porque estou na idade bonita, mas terminal. Meu único desejo é um pouco mais de respeito para o mundo, que começou sem o ser humano e vai terminar sem ele - isso é algo que sempre deveríamos ter presente”.

Há, portanto, um apelo para a tomada de consciência da humanidade e de que ela corre sério risco de se tornar vítima de seu próprio egoísmo e arrogância.

Jean Dorst (1924-2001) - Antes que a natureza morra

Jean Dorst nasceu em Mulhouse, na França e formou-se em Biologia e Paleontologia e, durante, toda a sua vida empreendeu estudos sobre a natureza e, especialmente, os impactos humanos sobre a Terra.

Publicou o livro “Antes que a natureza morra”, em 1965, e nele trata sobre o meio de vida e o modo em que a sociedade ocidental foi educada para o trabalho e para a superprodução e para o consumo. Discute sobre a qualidade de vida, e os efeitos causados pelas políticas de industrialização e produção de bens e pelo consumismo de massa.

A civilização industrial, tal como se apresenta hoje em dia, deve ser corrigida em três níveis diferentes, segundo Dorst (1981, p. 117),

Primeiro, no ato da pesquisa científica: só a ciência e sua filha, a tecnologia, podem fornecer bases seguras, indispensáveis à sábia conduta de nossos empreendimentos. Em seguida nossa reflexão deve voltar-se para o plano político: a gestão dos negócios dos Estados e do mundo deverá levar em conta tanto os ensinamentos objetivos da ciência, quanto os imperativos socioeconômicos legítimos. Finalmente, e sobretudo, cumpre-nos definir uma nova filosofia do homem e da natureza, descobrindo o código de uma ética original e de modos de pensar diferentes.

Dorst soube, também, aproveitar as oportunidades de seu trabalho para destacar o aspecto moral e estético das consequências da proliferação da espécie humana e do desenfreado consumismo, as-

⁹O Prêmio Internacional Catalunha é um prêmio internacional oferecido anualmente pelo Governo da Catalunha, desde 1989, em reconhecimento ao trabalho de pessoas tenham contribuído para o desenvolvimento da cultura, da ciência e da economia, além de seu compromisso ético e humanístico.

sim como os estragos proporcionais ao poder das classes abastadas. No que diz respeito à população urbana e as megacidades, Dorst afirmava “uma das conseqüências do monstruoso desenvolvimento das cidades foi fazer com que perdessem sua alma” (DORST, 1965, p. 15).

Peter Singer (1946) - Libertação Animal

Nasceu em Melbourne, na Austrália. É filósofo e professor na Universidade de Princeton, nos EUA. Atua na área de ética prática, tratando da ética humana de uma perspectiva utilitarista.

Em 1975, publicou o livro “Libertação animal”, na Inglaterra e em, 2004, em Português. O tema do livro e, também, do debate de Singer, se coloca no centro das discussões das questões de ética prática e bioética. Singer é defensor da expansão do princípio da igualdade na consideração da dor e do sofrimento entre todos os seres vivos. Como uma crítica à tradição filosófica que supervaloriza o status moral do ser humano, a teoria ética de Singer busca expandir a esfera de consideração moral humana para que seja possível incluir os animais na comunidade moral.

Os temas de Peter Singer envolvem profunda reflexão sobre as questões do reconhecimento dos animais como parceiros morais, dos direitos das mulheres, da pobreza e da desigualdade, da guerra e dos direitos civis. E, nesse sentido, tem feito grandes contribuições para o pensamento sobre a ética, especialmente, para a bioética.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa qualitativa tem como foco de estudo o processo vivenciado e é de particular relevância ao estudo das relações entre obras e pensamentos de autores de diferentes épocas temporais ou contemporâneas. O eixo central do paradigma qualitativo encontra-se na condição humana de responder a estímulos e colocar em evidência questões muito particulares. Nesta pesquisa, buscou-se estabelecer uma relação entre obras e pensamentos de diferentes personagens que deixaram (e deixam) referências para reflexões sobre a condição humana e o compromisso do professor. A pesquisa quantitativa, portanto, exige a indução e uma sensibilidade para o estudo empírico das questões de cada autor, pois o enfoque precisa “ser limitado em termos locais, temporais e situacionais” (FLICK, 2009, p. 31).

Para esta pesquisa foram selecionados sete personagens, de diferentes épocas, lugares e situações, que marcaram (e marcam) a trajetória da humanidade revelando o compromisso para a transformação: Francisco de Assis (1182-1226); Cacique Seattle (1786-1866); Albert Schweitzer (1875-1965); Rachel Carson (1907-1964); Claude Levi-Strauss (1908-2009); Jean Dorst (1924-2001) e Paulu Singer (1946).

Na primeira perspectiva, partiu-se do autor e de sua obra escolhida em uma situação de estudo e dos significados que este representa para o autor e para a época. No contexto situacional, as interações sociais e culturais são analisadas a partir dos significados subjetivos descritos pelo autor em sua

obra e, assim, fazer uma reflexão sobre o compromisso do educador no atual contexto, do mundo contemporâneo, e trazer à evidência a importância da complexidade no pensamento humano. E, por fim, inferiu-se analogias que induzem aos desafios da reflexão na formação profissional de educadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história natural da Terra, na Criação ou na Evolução, mostra a clara evidência de interdependência entre todas as partes que compõe o sistema-mundo. E, nesse sistema, o ser humano é mais um dos elementos como todos os outros.

A trajetória humana, recente, no contexto da história natural do Planeta mostra uma interferência no sistema natural da Terra e, para tanto, há necessidade de reflexão amparada na indução e na observação de alguns exemplos de pessoas que viveram e pensaram na complexidade da vida.

No contexto da trajetória humana, de quem era a tarefa de conduzir para o caminho da reflexão e de ensinar os mais jovens? Dos mais velhos. Por uma questão óbvia. Afinal, já viveram mais e, por isso, têm mais experiência. Mas, no atual contexto da sociedade líquida, a dualidade imanente no encontro do velho e do jovem se mostra, também, em crise (pelas múltiplas humanidades, pelas múltiplas linguagens, pelas tecnologias, pela rapidez das coisas, enfim). Há a necessidade de recompor a dialética desse encontro (BOFF, 2000).

Há algumas referências na história da humanidade, em personagens que viveram em diferentes épocas e marcaram a sua trajetória movidas por um pensamento e por uma conduta que é apropriada para pensar e repensar o atual contexto. A necessidade de buscar uma religação com a natureza e com a humanidade pode ser observada em Francisco que viveu na Idade Média e desafiou o pensamento vigente na época; na carta do Cacique Seattle e seu povo, os Suquamish e os Duwamish, que sucumbiram ao mercantilismo dos anglo-europeus; na escolha de Albert Schweitzer que deixou sua vida confortável na Europa para dar um pouco de conforto ao povo de Lambaréné, na África; na denúncia de Rachel Carson para os perigos dos inseticidas e a morte indiscriminada da biodiversidade animal e vegetal; no desejo de Claude Lévi-Strauss de ver um pouco mais de respeito para com as coisas do mundo; no alerta de Jean Dorst, para o viés utilitarista da sociedade industrial e para as cidades “sem alma”; e, no apelo de Peter Singer, para o cuidado com a vida animal e seu uso sofrido e indiscriminado à serviço do homem. Portanto, é a referência a apenas alguns personagens que se evidenciaram na tarefa de introduzir mudanças. Há outras!

Na história da humanidade, há relatos contundentes na tarefa de introduzir transformações qualitativas, de ensinar, de guiar e dar referências, de ser âncora¹⁰. A tarefa de introduzir as transformações nunca é fácil e sempre vem acompanhada de instabilidade que, mesmo sendo positiva, pro-

¹⁰ Âncora, peça integrante do navio, de ferro, destinada a proporcionar segurança e esteio, segurando-o pela amarra num fundeadouro. No sentido figurado, âncora é considerada um símbolo de firmeza, força, tranquilidade, esperança e fidelidade.

voca incertezas até alcançar a harmonia para, então, novamente, introduzir o conflito e sua necessária metamorfose e evolução. A dialética!

Para refletir sobre a importância de sair da cegueira do pensamento e alcançar novas fronteiras do conhecimento, pode-se fazer uma analogia com uma importante personagem da História Antiga e, nesse sentido, talvez, o exemplo mais emblemático seja o legado de Moisés, relatado no livro do Êxodo. Um menino hebreu, que se tornou um príncipe egípcio, recebeu o chamado e a incumbência de guiar seu povo. Para esse chamado, o jovem Moisés respondeu: “Eis-me aqui” (Êxodo 3:4)¹¹ e representado na ilustração da gravura (Figura 1).

Figura 1 - Gravura com representação de Moisés diante da sarça ardente. O arbusto em chamas que não se consumia e a voz que ordenou: “Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa” (Êxodo 3:4,5).



Fonte: <<http://www.rudecruz.com/estudos-biblicos/antigo-testamento/exodo>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

Quais eram o chamado e a tarefa? A tarefa de libertar o povo da escravidão e levá-lo para outro lugar. Um lugar de autonomia, o lugar da terra prometida, de fartura, de justiça social, de esperança e de futuro para todos. Mas, para alcançar isso, havia uma travessia a fazer. Um caminho para percorrer. Essa passagem histórica, pode ser uma metáfora para refletir sobre a incumbência ou sobre o papel do professor na sociedade atual.

É necessário entender o caminho e o legado individual e coletivo no mundo, na vida cotidiana e na docência. Não basta ser bom. É necessário tornar o mundo melhor e isso demanda ética no jeito

¹¹ O Livro Êxodo é o segundo do Velho Testamento (Cristianismo) e do Pentateuco/Torá (Judaísmo). A autoria é atribuída a Moisés pela tradição judaico-cristã. Relata como Moisés retira os hebreus do cativeiro (escravidão) egípcio e conduz o povo pelo deserto até a Terra Prometida. Outros relatos compõem a literatura do êxodo como a passagem pelo Mar Vermelho, a chegada no Monte Sinai, por exemplo.

de ser e viver. No dia a dia! Nas nossas expressões! Nas nossas humanidades e nas nossas linguagens. Precisamos sair da escravidão! No mundo atual, a escravidão pode se expressar no consumismo, na acomodação, no pensamento linear, na ausência da reflexão e da responsabilidade de assumir a nossa condição humana diante dos desafios.

No atual momento da sociedade mundial, é indispensável suavizar a marcha do tecnicismo para olhar a realidade de outra forma. Reconhecer os avanços positivos e sustentáveis e, ao mesmo tempo, recuperar os valores do bem comum e a eudaimonia arrasados pelo antropocentrismo moderno, apoiando-se nas palavras do final da Carta da Terra¹²: “Como nunca antes na história, o destino comum nos conclama a buscar um novo começo. Isso requer uma mudança na mente e no coração”. Isso requer um novo sentido de responsabilidade universal.

Possuímos um destino comum, Terra e humanidade, pois, na perspectiva da evolução ou quando contemplamos a Terra do espaço, enxergamos uma unidade, uma única entidade: o Cosmos.

O papel do educador, no mundo contemporâneo, é religar o pensamento humano com o Cosmos e, também, projetar não apenas um outro mundo possível, mas um outro mundo necessário, movido pelo ato de criar, seja na ciência, na arte ou na sua existência, incomodado pela dor do planeta e de todas as criaturas. E que a sua resposta diante do desafio de tirar a cegueira seja a resposta de um príncipe, de um artista, de um professor: ‘Eis-me aqui’!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reforma do pensamento com a regeneração de ideias e ações benevolentes são registros inacabados na trajetória da humanidade. Injustiças sociais, escravidão, cegueiras permearam a exuberância e conduziram o crepúsculo das grandes civilizações. Atualmente, projetam o homem às tecnologias e podem conduzir à artificialidade sem precedentes. Há algo a recuperar no avanço do conhecimento humano que é a sua própria essência, as suas humanidades.

A atual sociedade parece ter alcançado a exaustão de seus próprios atos e conceitos e mergulha no crepúsculo de uma existência. E, agora, busca novos cenários em um mundo fortemente planetarizado. Busca uma esperança, uma regeneração para, quem sabe, anunciar chuva e tempo propícios para semear a reorganização da sociedade, da pessoa humana, da eudaimonia.

Cabe ao professor ampliar as competências e habilidades que capacitam o educando a enfrentar, sem medo, as imprevisíveis novas realidades. Preparar os docentes para explorar essas especiais capacidades é um dos maiores desafios da educação contemporânea. Esse novo docente é imprescindível para a geração de profissionais e cidadãos aptos a colaborar com uma sociedade mais justa e harmônica, com desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável.

¹² Disponível em: <<https://goo.gl/6xTWyQ>>. Para maior aprofundamento ver, também, o livro: “Carta encíclica Laudato Si - sobre o cuidado da casa comum” do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2015.

Nesse sentido, as metáforas e a linguagem contidas na arte podem conduzir-nos ao início de nossa existência enquanto humanidade e repensar nosso compromisso diante da natureza e das criaturas. A passagem do livro do Êxodo, o chamamento de Moisés, serve para ilustrar a tarefa de conduzir o povo para a libertação e enfatizar a complexidade da responsabilidade de assumir a nossa condição humana diante dos desafios emergentes. Por fim, induzir o contexto da reflexão para a necessidade de projetar não apenas um outro mundo possível, mas um outro mundo necessário, como relata a Carta da Terra, movidos pelo ato de criar, seja na ciência, na arte, na docência e na nossa existência, incomodados pela escravidão do consumismo e pela dor do Planeta.

A necessidade de buscar uma religação com a natureza e com a humanidade pode ser observada em Francisco que viveu na Idade Média e desafiou o pensamento vigente na época; na carta do Cacique Seattle e seu povo, os Suquamish e os Duwamish, que sucumbiram ao mercantilismo dos anglo-europeus; na escolha de Albert Schweitzer que deixou sua vida confortável na Europa para dar conforto ao povo de Lambaréné, na África; na denúncia de Rachel Carson para os perigos dos inseticidas e a morte indiscriminada da biodiversidade animal e vegetal; no desejo de Claude Lévi-Strauss de ver um pouco mais de respeito para com as coisas do mundo; no alerta de Jean Dorst, para o viés utilitarista da sociedade industrial e para as cidades “sem alma”; e, no apelo de Peter Singer, para o cuidado com a vida animal.

No mundo contemporâneo o papel do professor é religar o pensamento humano com o Cosmos e, assim, projetar uma utopia universal por um mundo melhor e mais justo. Investir num antídoto às pulsões da sociedade mercantil e industrial que tanto confundem os sentidos da sociedade atual.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKER, E. L. S. São Francisco para os pequenos. BOER, N.; VIERO, L. D. M. (Org.). **A integridade dos saberes na educação franciscana - 6º Congresso Nacional das Escolas Franciscanas**. Santa Maria: Unifra, 2015. p. 253-257.

BECKER, E. L. S. A educação como possibilidade de um novo mundo. In: BOER, N.; ZANELLA, D. C.; PEIXOTO, S. C. (Org.). **Ensino e profissão docente** - Edição comemorativa dos 25 anos da Jornada Acadêmica da Educação. Santa Maria: Unifra, 2016. p. 153-162.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOFF, L. **Tempo de transcendência** - O ser humano como projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

DORST, J. **Antes que a natureza morra**. São Paulo: Blucher, 1965.

DORST, J. **A Força do Ser Vivo**. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1981.

DUBY, G. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FROGONI, C. **Vida de um homem**: Francisco de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1955.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MOTA, R. **A arte da educação**. Rio de Janeiro: Obliq, 2017.

MUNDURUKU, D.; NEGRO, M. **A palavra do grande chefe**. São Paulo: Global Editora, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Carta do Chefe Seattle**. 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/rw3Dcj>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SAGAN, C. **Cosmos**. México: Planeta, 1985.

SCHWEITZER, A. **Cultura e Ética**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964a.

SCHWEITZER, A. **A decadência e regeneração da cultura**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964b.

